

CONTRIBUIÇÕES À VISÃO DE HOMEM DE MORENO

Marta Echenique

"O Mestre disse a um pintor: Qualquer pintor que queira triunfar deve trabalhar incansavelmente durante infinidade de horas. Mas só a uns poucos lhes é dado libertar-se de seu ego enquanto pintam. Quando isto sucede, surge a obra-prima. Mais tarde, lhe perguntou um discípulo: "Quem é um Mestre?" E o Mestre lhe respondeu: "Qualquer um a quem tenha sido dado libertar-se de seu ego. A partir de então, a vida desta pessoa será uma obra-prima". (3.57)

Para resumir em uma frase, podemos dizer que o núcleo da proposta psicodramática está no "encontro", vivido no "momento", com a energia propulsora da espontaneidade, pelo exercício de papéis. Esse enfoque no ato e na relação com o meio ambiente se ancora na fenomenologia, no "aqui e agora", no fluir constante dos momentos.

A nota mais marcante do conjunto da obra de Moreno é a teoria da espontaneidade-criatividade. Entretanto, algumas vezes nos esquecemos do "aqui e agora", da "sponte", do "dever", da genialidade potencial e ficamos fixados nas causas e nos "porquês" dos comportamentos atuais perturbadores ou indesejáveis. Buscando a "peça do relógio que não está funcionando bem", ou "o parafuso que precisa ser apertado", focalizamos o passado, em prejuízo do presente e de sua projeção no futuro. Esquecemos o homem criador, ao pensar que podemos entendê-lo segundo o modelo mecanicista. No entanto, somos muito mais do que a soma de percepções, atos, registros, relações, memórias, estados internos, etc... Somos seres capazes de amar, de imaginar, de criar e de evoluir.

As ideias morenianas, que originalmente se alicerçaram na filosofia existencial humanista, na sociologia e na psicologia, têm sido agora confirmadas por modernas pesquisas em outras áreas de conhecimento científico, entre as quais a neurobiologia, a física e a biologia.

Recentes investigações, como os estudos de Karl Pribram sobre o Modelo Holográfico do Cérebro (6), de David Bohm sobre a Teoria do Campo Unificado (5) e de Humberto Maturana, criador da Biologia do Conhecimento (2), parecem coincidir e consolidar os pontos essenciais da teoria moreniana. A vida se programa para o sucesso (evolução) e é nesse movimento evolutivo que a espontaneidade adquire o seu sentido maior, como energia propulsora ligada ao próprio projeto criador, onde a intencionalidade é mais importante do que a causalidade.

Os seres vivos são sistemas dinâmicos que interagem com o meio ambiente, buscando o equilíbrio pela adaptação. Algumas linhagens não puderam conservar sua adaptação (insuficiente espontaneidade) e por isso se interromperam. Outras criaram variações estruturais correspondentes às exigências das alterações do meio ambiente, mantiveram a adaptação e sobreviveram (espontaneidade apropriada).

Segundo Bohm "entidades físicas que parecem ser separadas no espaço e no tempo estão realmente unificadas de uma maneira implícita ou subjacente. Por baixo de uma "esfera explicada" ou explícita de

coisas e acontecimentos separados, se encontra uma "esfera implicada" ou implícita de totalidade indivisa e este todo implicado está simultaneamente disponível para cada parte explicada". (5:9)

A vida é ordenada em seu processo não manifesto, o qual é muito maior do que o manifesto. A esfera implicada é onde tem lugar o holomovimento, uma ordem que flui, originando a matéria, a energia, o pensamento, enfim tudo que está ao nosso alcance perceber e muito mais ainda.

No processo de evolução orgânica, do simples para o complexo, as transformações se dão segundo rumos possíveis a cada instante, conforme se apresentem as relações organismo-meio, compensando-se as flutuações deste último pela plasticidade estrutural daquele.

A ordem natural prossegue como energia formativa, realizando a regulação de infinito número de processos que se organizam em ecossistemas. Especialmente no homem, a evolução adotou uma estrutura extremamente versátil e plástica, que expandiu o alcance de possíveis condutas. O ser humano é capaz de executar feitos extraordinários. Uma capacidade imensa de poder criativo está contida em nossos genes, pronta para ser despertada. Esse vasto potencial se reveste de uma impetuosa intencionalidade de expressar-se e precisa apenas ser desencadeado pela interação com o meio ambiente, que funciona como um detonador.

Como a cada avanço a vida leva consigo os ganhos anteriores, a informação codificada do universo se encarna no corpo evolutivo e nos faz depositários dos padrões de todas as formas de experiências desenvolvidas através dos tempos. Herdamos um sistema cerebral primitivo, geneticamente programado, onde dispositivos inatos desencadeiam conjuntos de resposta que garantem a sobrevivência.

A essas áreas cerebrais primitivas, se agregou posteriormente o neo-córtex, com uma estrutura mais complexa e possibilidades praticamente ilimitadas de novas operações. Este novo cérebro processa o potencial herdado, organizando-o à luz das experiências vividas pelo sujeito, as quais funcionam como elementos estruturantes, e o transforma em dados articulados e disponíveis para a criatividade, ou seja, para a solução de problemas, para a tomada de decisões, para a construção de uma singularidade consciente e dinâmica.

A cérebros mais complexos correspondem seres progressivamente interativos, capazes de uma inteligência mais aberta e flexível. Maior interação com o meio ambiente proporciona um número crescente de experiências que se transformam em informação. Tal informação é organizada, avaliada e processada de tal maneira que se toma a base para novas combinações, as quais, por sua vez, permitem experiências ainda mais ricas e complexas. O resultado é que, quanto mais experienciamos, mais nos tomamos capazes de experienciar, quanto mais fenômenos registramos, maiores as possibilidades de interagir e quanto mais aprendemos, mais podemos aprender. A estruturação do conhecimento se dá na passagem da experiência concreta para o abstrato, ou seja, no processo de sintonizar e interpretar a manifestação do não manifesto (o fenômeno), de forma a torná-lo acessível para nós.

É, pois, pela interação com o meio circundante, através do exercício de papéis, que ocorre a transferência e operacionalização do potencial do cérebro antigo para o neo-córtex. Desde nossos primeiros atos, primitivos movimentos musculares do bebê, detonamos um processo intencional de interação estruturante.

Ou seja, a estruturação da identidade se dá a partir de infinitas possibilidades que revelam o projeto maior. O ser humano se faz continuamente, recria-se em cada ato, integrando-se com a força orientadora dos mecanismos de regulação biológica, dos quais as emoções são a expressão maior.

Sentimentos e emoções servem de guias internos para as escolhas e refletem os mecanismos da própria vida no desempenho de suas tarefas; são a referência inicial para as interpretações do mundo que nos rodeia e para o significado que damos às experiências vividas, à luz das quais construímos a subjetividade e o senso de continuidade.

Experienciando as possibilidades e recebendo e processando feedback, o cérebro gera um controle volitivo progressivamente consciente sobre o conhecimento estruturado. E, à medida que se constrói a consciência, cria-se a liberdade, pois esta se baseia na intencionalidade consciente. A consciência se constrói pela ação, a qual existe para modificar uma situação (relação) que envolve uma intenção. Essa capacidade de desenvolver-se pela interação é a própria essência da evolução, tanto da vida como do indivíduo. A ruptura se dá quando em um sistema os sub-sistemas crescem caoticamente, com independência uns dos outros, desrespeitando as relações recíprocas e o equilíbrio ecológico. Assim, células podem crescer harmoniosamente ou pode ocorrer um câncer, quando algumas células se reproduzem sem levar em conta o equilíbrio geral. Assim também, o pensamento ou as emoções podem se desordenar, deixando de corresponder à ordem não manifesta.

Os atos humanos pertencem a essa intencionalidade do não manifesto e devem ser dimensionados segundo o grau de sua proximidade em relação ao objetivo da própria criação.

A realização da condição humana se faz pelo convívio com o outro, no encontro do indivíduo com sua natureza última que é de "ser social". Se mantivermos vivo o processo de experientiação e atualização do potencial do indivíduo, ele saberá se resgatar e se escolher. Dentro dele, a energia que movimenta a sua existência está buscando as melhores condições de realização.

Esta extraordinária capacidade de adaptação e flexibilidade para encontrar o caminho é resultado do mesmo tipo de inteligência inata dos ecossistemas da natureza. Se transportarmos essa idéia para o social e para o comportamento dos grupos, chegaremos aos fundamentos do anarquismo de Kopotkin, segundo o qual é a excessiva organização, a estratificação social e o Estado que destroem o potencial humano, pois se o povo tiver a liberdade de agir como bem lhe aprouver, segundo a natureza e descobrindo o que realmente é melhor para si, a ordem social emergirá por si mesma.

Os grupos humanos deixados em paz encontram o seu ponto de equilíbrio pela harmonização da interdependência de seus membros e o desafio reside em não criar obstáculos e demasiada interferência, de forma a permitir a manifestação da intencionalidade do não manifesto.

Os desvios do objetivo primordial se dão pelas distorções da cultura e suas influências, inicialmente na matriz de identidade e a seguir na rede sociométrica, por privação de oportunidades e bloqueios da espontaneidade.

As pessoas são criadas desconfiando de seus próprios organismos, ensinadas a afastar-se do poder pessoal, a buscar fora de si as informações, o conhecimento, a saúde, o equilíbrio e a controlar seus pensamentos, emoções e desejos através de esforços musculares, inicialmente conscientes e depois transformados em tensão inconsciente e não deliberada, que permanece bloqueando o potencial.

O mundo em que vivemos é duro, exigente, muitas vezes parece se opor às metas e aos propósitos maiores, tornando necessária a mobilização de recursos para promover uma interação criativa.

O primeiro passo a ser dado nesse sentido é sair dos limites das conservas culturais e descobrir os numerosos papéis que não estamos autorizados a viver, permitindo à espontaneidade operar em nosso cotidiano individual e grupal. A força universal está sempre pronta a fluir, impulsionando nosso "vir-aser", provocando mudanças e ampliando nossas possibilidades de experiência. Basta para tanto que haja condições mínimas. Os resultados nem sempre serão de domínio consciente e podem ocorrer sem nosso conhecimento no sentido racional do termo. Sua pré-condição é um estado de disponibilidade e prontidão, uma presentificação que produz o estancamento da consciência como conhecimento e controle, enquanto libera a "consciência-corpo", "consciência-ato", consciência plena (em inglês, "awareness") que permite a ação da intencionalidade da esfera implícita.

O trabalho terapêutico, dentro deste pressuposto, será criar situações geradoras de recursos, facilitadoras e estimulantes ao afloramento da espontaneidade. Pelo exercício de papéis, recursos adormecidos ou desarticulados podem se apresentar sob configurações originais ou novas combinações, redefinindo suas aplicações, com vistas às exigências do momento, desenvolvendo a flexibilidade de conduta e a clara representação de metas. Nesse caso, a volta ao passado tem sentido apenas para levar a pessoa a perceber o que um acontecimento vivido representa para seu presente e portanto para o seu futuro, implicando em uma tomada de decisão e redefinição com os recursos de hoje, posicionando-se no mundo, agora, com vistas ao amanhã.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CHOPRA, Deepak. A Cura Quântica. São Paulo, Best Seller, 1989.
2. MATURANA, H. e VARELA, F. El arbol del Conocimiento. Santiago, Chile, Ed. Universitária, 1990.
3. MELLO, Antony de. Un minuto para el absurdo. Bilbao, Espanha, Sal Terrae, 1992.
4. PEARCE, J. C. A Criança Mágica. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1989.
5. TALBOT, Michael. O Universo Holográfico. São Paulo, Best Seller, 1991.
6. WILBER, K., BOHM, D., PRIBRAM, K. e outros. El Paradigma Holográfico. Bs.As., Argentina, Troquel, 1992.